

DESVELANDO OS ECOS DA REPRESSÃO: *BOM-CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA SOB O OLHAR PSICANALÍTICO

Lucas Monteiro Silva¹

RESUMO

O trabalho propõe uma articulação entre o livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, e os conceitos da Psicanálise, explorando suas contribuições para vivências LGBTQIAPN+. Considerando-o uma ponte subversiva contra a moralidade e imposições da sociedade conservadora heterocisnormativa, a pesquisa destaca a obra como um clássico, não só por abordar relações interracialis, mas também por sua publicação pioneira em 1895, antecipando discussões contemporâneas e oferecendo uma análise relevante para os estudos raciais, psicanalíticos e LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: psicanálise; repressão; LGBTQIAPN+.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o livro *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha (1895), articulando os conceitos e contribuições da Psicanálise com as vivências da população LGBTQIAPN+. O intuito é considerar a obra não só como um clássico de 1895, mas também como uma ponte que ressoa as discussões sobre diversidade, identidade e racialidade nos dias atuais.

O romance *Bom-Crioulo*, criado pelo escritor naturalista Adolfo Caminha em 1895, apresenta um desfecho trágico. Sua publicação ocorreu em um momento crucial para o Brasil, pois coincidiu com a transição após a extinção da monarquia e da escravidão, que haviam ocorrido há menos de uma década (Howes, 2005). A trajetória do personagem Amaro, criado por Caminha (1895), ilustra como essas construções podem restringir subjetividades e causar sofrimentos. Neto (2009) observa que a sexualidade era um dos pilares cuja atenção se direcionava na recém-estabelecida República, e cuja reestruturação era requerida pela sociedade brasileira do século XIX com o intuito de manter a imagem do Brasil como uma nação civilizada e próspera.

Segundo Campos e Angeli (2020). Adolfo Caminha era membro do grupo “O Pão”, em Fortaleza, e estava imerso em um ambiente intelectual que propiciava discussões sobre temas controversos e tabus. Um exemplo notável disso é sua recepção da obra “O Barão de Lavos” (1891), de Abel Botelho, que aborda abertamente a questão da homossexualidade, referindo-se a ela como “pederastia” e considerando-a uma doença. Essa interação entre Caminha e obras como essa

¹ Formando em Psicologia pela Faculdade Maria Thereza (FAMATH). Membro associado e integrante da gestão da Práxis Psicanalítica, em formação psicanalítica desde 2021.

E-mail: monteirolucas.rj@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7792604611014079>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9690-8093>

evidencia a atmosfera de debate e reflexão sobre questões sociais e morais que permeava o grupo literário.

Embora o autor tenha abordado temas tabus em suas obras, é crucial reconhecer que sua escrita muitas vezes reflete as limitações e preconceitos arraigados em seu contexto histórico. Como um homem branco e heterossexual, Caminha pode ter inadvertidamente perpetuado visões estigmatizantes em relação à raça e à sexualidade. Expressões como “anomalia” para descrever pessoas de determinada raça ou orientação sexual, bem como a descrição da homossexualidade como “comércio grosseiro”, “castigo” e “delito contra a natureza”, exemplificam sua adesão às normas e valores predominantes de sua época (Caminha, 1895).

2 “SOMOS TODOS NÃO MAIS DO QUE HIPÓCRITAS”

Em matéria de sexualidade, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos, em consequência dessa franqueza geral, uma certa dose de tolerância quanto às questões sexuais. [...] E também aqui há trabalho suficiente para se fazer nos próximos cem anos nos quais nossa civilização terá de aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade. (Freud, 1898/2006, p. 254 e 264)

Freud (1898/2006) oferece uma perspectiva intrigante sobre a sexualidade e sua relação com a saúde mental e a hipocrisia social. Ao sugerir que todos nós, em certo sentido, somos “doentes ou sãos” em matéria de sexualidade, Freud destaca a complexidade e a variedade das experiências humanas nesse domínio. Essa observação também aponta para a prevalência de tabus e repressões em torno do tema, que frequentemente levam à hipocrisia ao invés de uma abordagem franca e aberta.

Ao falar em “franqueza geral” e a obtenção de uma “certa dose de tolerância” em relação às questões sexuais, Freud sugere que a honestidade e a aceitação são fundamentais para lidar com as complexidades da sexualidade humana. Essa visão é particularmente relevante em um contexto histórico em que a discussão aberta sobre sexualidade era ainda mais tabu do que é hoje.

Além disso, ao apontar que há “trabalho suficiente” a ser feito nos próximos cem anos em relação às reivindicações de nossa sexualidade, Freud reconhece que a compreensão e aceitação da diversidade sexual são desafios em constante evolução para a civilização. Essa ideia ressalta a necessidade de um compromisso contínuo com a promoção de uma cultura mais inclusiva e respeitosa em relação à sexualidade.

3 AMARO: O BOM-CRIOULO

Para pensar sobre a obra *Bom-Crioulo* e mais especificamente no personagem Amaro, partimos da impressão de que para esse personagem a cor da pele e a homossexualidade chegam antes dele, no sentido de que essas são marcas que predeterminam uma boa parte do caminho de Amaro. Para Lacan (1964, p.

122), “O inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”.

Dessa forma, o autor está sugerindo que o inconsciente é formado pela influência da linguagem falada sobre o sujeito. Aqui, “a fala” refere-se não apenas à comunicação verbal, mas também aos símbolos, metáforas e linguagem simbólica em geral que moldam a psique do indivíduo. O significante não é simplesmente uma palavra ou imagem, mas algo que representa outra coisa em um sistema simbólico. O sujeito é constituído por meio desses significados que são atribuídos a ele pela linguagem e pela cultura em que está imerso. O sujeito não é uma entidade autônoma, mas é construído através da interação com os significados que a linguagem confere (Lacan, 1964).

No seminário 4 (1956-57), denominado como A Relação de Objeto, Lacan elabora um de seus conceitos mais importantes: o de que o grande Outro é em suma um lugar de alteridade, simbólico, é o lugar do inconsciente, sendo formado por todos os “outros” que ocuparam um lugar importante na infância, que marcaram o sujeito com suas palavras e seus significantes. Com a noção de Outro como um ponto de origem, Lacan aponta que a linguagem é determinante na constituição do sujeito, pois o sujeito é falado antes mesmo de seu nascimento, ocupando um lugar simbólico antes mesmo de nascer.

Voltando a Amaro, a cor de seu corpo, ligada à escravização, destaca-se como pano de fundo para a reafirmação da branquitude, evidenciando a expectativa de comportamento primitivo. O apelido sarcástico de bom-crioulo reflete sua habilidade incomum de seguir regras, sendo obediente e dócil como uma pessoa negra. Na marinha, seu crescimento é marcado pela adaptação social, ressaltando diferenças como sua estrutura física e vício em álcool, intensificando a ambiguidade de Amaro. Embora sua vida de marinheiro seja relativamente tranquila, a chegada de Aleixo desencadeia uma transformação, especialmente no questionamento de suas certezas sobre a sexualidade, revelado através da troca de olhares e da relação com o jovem marinheiro.

A ética da psicanálise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação, do que chamo de serviço dos bens. Ela implica, propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida. É na dimensão trágica que as ações se inscrevem, e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores. (Lacan, [1959-1960] 1997, p. 375-376)

Lacan (1959-1960) rejeita a ideia de que a ética possa ser reduzida à simples organização do comportamento em relação a “bens” materiais ou objetivos tangíveis. Em vez disso, Lacan argumenta que a ética na psicanálise está intrinsecamente ligada a uma compreensão mais profunda da existência humana, que ele descreve como a “experiência trágica da vida”. Nessa perspectiva, a ética não é apenas uma questão de discernir entre o certo e o errado, mas sim de enfrentar a complexidade e a ambiguidade da condição humana.

A dimensão trágica da vida é fundamental para a compreensão da ética na psicanálise. O autor sugere que é nesse contexto que as ações humanas ganham significado e que somos desafiados a refletir sobre nossos valores e escolhas. Ao lidar com situações difíceis e dilemas morais, os indivíduos são confrontados com a

necessidade de examinar profundamente suas motivações e impulsos inconscientes.

4 AMARO E ALEIXO

A relação entre Amaro e Aleixo desdobra-se em alto mar clandestinamente, no território do proibido, pois para os dois indivíduos, essa seria a única forma viável de vivenciar sua paixão. Entretanto, em diversos instantes, Caminha (1895) observa que, apesar de Amaro e Aleixo manterem seu relacionamento em segredo, havia rumores circulando sobre como o primeiro apenas se dedicava ao bem-estar do segundo e não estava cumprindo suas obrigações da mesma forma. Assim, delineava-se o caráter anormal, excessivo desse envolvimento que já intrigava ambos os personagens, que buscavam manter sua história o mais privada possível.

Em *O mal-estar na cultura* (1930), Freud aponta o caminho feito pela civilização para chegar à normatização do sexo, das relações familiares e de suas configurações. Como ele mesmo diz:

O macho ganhou um motivo para ficar com a mulher ou, de modo mais geral, com os objetos sexuais perto de si; as fêmeas, que não queriam separar-se de seus filhotes indefesos, tiveram também, no interesse deles, de ficar com o macho mais forte. (Freud, 1930/2020, p. 348)

Assim, a estrutura da família tradicional se constitui com o propósito de sustentar a produtividade do homem, agora com o apoio de sua esposa e filhos. É neste contexto que surge a associação entre família/sexo e o ato de reprodução humana. Para garantir a continuidade da civilização, estabelece-se a normatização de que as relações amorosas devem seguir o modelo heterossexual, pois é através delas que se realiza a reprodução humana.

A cultura tende a legitimar apenas as relações sexuais que contribuem para a reprodução da espécie humana, implicando que somente serão reconhecidas, de forma inquestionável, as uniões entre um homem e uma mulher, negligenciando o prazer associado ao ato sexual e priorizando exclusivamente a perpetuação e a evolução da cultura por meio da reprodução (Freud, 1930/2020).

Em um texto anterior intitulado “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, Freud (1908/2020) desenvolve ideias sobre aqueles que divergem da norma estabelecida pela cultura. Para ele, existem apenas dois desfechos possíveis para aqueles que desafiam a moral sexual predominante, tanto em sua época quanto na contemporaneidade. O primeiro desfecho possível sugere que os indivíduos afetados permanecerão sendo considerados perversos e enfrentarão as consequências de desafiar o padrão heteronormativo, sendo vistos como desviantes em relação ao padrão cultural estabelecido.

O segundo desfecho, conforme Freud, ocorre por meio da influência da educação e da transmissão dos costumes de uma geração para outra, juntamente com as exigências sociais que reprimem essas pulsões desviantes para se ajustarem à lógica cultural. Essa repressão faz com que tais pulsões sexuais não se manifestem diretamente, levando os indivíduos a expressá-las de outras formas que também são prejudiciais à saúde mental, o que Freud definiu como doença nervosa moderna (Freud, 1908/2020).

5 AMARO OU AMÁ-LO?

A trajetória de Amaro levanta a questão sobre uma pessoa negra e homossexual poder se afirmar como objeto de desejo na sociedade. Parece-nos que a trajetória desse indivíduo é permeada pela ambiguidade entre amar a branquitude como uma forma de buscar aceitação, apagar sua própria subjetividade e reprimir sua sexualidade, ou seguir os caminhos socialmente determinados para sobreviver, considerando que a liberdade raramente se apresenta como uma realidade concreta.

O ato de suprimir literalmente seu desejo pode ser interpretado como uma representação da ausência de espaços para escolhas genuínas para Amaro, visto que tanto sua cor de pele quanto sua orientação sexual são aspectos que frequentemente são definidos por normas sociais arraigadas. Essas questões, muitas vezes implícitas, não são diretamente abordadas, mas suas respostas já parecem estar predefinidas dentro do tecido social.

Essa reflexão nos leva a questionar não apenas a liberdade individual de Amaro, mas também as estruturas sociais que limitam a expressão autêntica de sua identidade e desejos. A experiência desse indivíduo é emblemática de um sistema que, em sua complexidade, submete certos grupos a padrões normativos que não apenas negam sua humanidade, mas também restringem sua capacidade de viver plenamente e de ser reconhecido como um sujeito digno de desejo e afeto dentro da sociedade.

Toda experiência analítica não é senão o convite para a revelação de seu desejo, e ela muda a primitividade da relação do sujeito com o bem, em relação a tudo o que até então foi articulado sobre isso pelos filósofos. (Lacan, [1959-1960] 1997, p. 270)

Lacan (1959-1960) argumenta que a psicanálise é um convite para que o sujeito revele seu desejo mais profundo e muitas vezes inconsciente. Ele afirma que essa experiência transforma fundamentalmente a relação do sujeito com o conceito de “bem”, em contraste com as concepções filosóficas anteriores sobre o tema.

Sem a intenção de concluir este tema ou fornecer uma resposta definitiva, é fundamental reconhecer que incentivar a escuta ativa de pessoas negras e/ou LGBTQIAPN+ implica uma profunda reflexão sobre nossos próprios privilégios e responsabilidades. Devemos estar cientes de como nossas ações podem perpetuar sistemas de opressão, como o racismo e a homofobia, e nos esforçar para não naturalizar essas formas de violência. Ao reconhecer e desafiar essas estruturas, podemos criar espaços para uma retificação social, promovendo uma cultura de respeito e promoção dos desejos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINHA, Alfredo (1996). **Bom-crioulo**. São Paulo: Ática, 1895.

CAMPOS, Samanta Rodrigues; ANGELI, Gustavo. A “boa” sexualidade em bom-crioulo: considerações psicanalíticas sobre a intersecção raça e gênero. **Revista Científica Sophia**, 2020.

FREUD, S. (2006). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (M. Salomão, trad., vol. 3, pp. 249-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898).

_____. (2020). **A moral sexual cultural e a doença nervosa moderna** (O mal-estar na cultura e outros escritos: Cultura, sociedade, religião). Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Originalmente publicado em 1908).

_____. (2020). **O mal-estar na cultura** (O mal-estar na cultura e outros escritos: Cultura, sociedade, religião). Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Originalmente publicado em 1930).

HOWES, R. Raça e Sexualidade Transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. **Graphos**, João Pessoa, v.7, n.2, p. 171-190, 2005.

LACAN, J. (1964). **Seminário – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1959-1960). **O seminário – livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. (1956-57). **O seminário – livro 4: a relação de objeto**. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MARTINS, Eduardo de São Thiago et al. Psicanálise e homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico-moral. **Ide**, v. 36, n. 57, p. 163-177, 2014.

NETO, O. A. L. **Entre o “instinto” e a “falta de hábito”: a psiquiatrização da sexualidade em Bom-Crioulo (1895)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 2009.